



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PROBLEMAS EMOCIONAIS E DE COMPORTAMENTO EM FILHOS DE EX-CASAIS: VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E DESAFIOS ASSOCIADOS À PANDEMIA POR COVID-19

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Ana Beatriz Alves Andrade e Sousa

Porto, julho de 2021



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

PROBLEMAS EMOCIONAIS E DE COMPORTAMENTO EM FILHOS DE EX-CASAIS: VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E DESAFIOS ASSOCIADOS À PANDEMIA POR COVID-19

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Ana Beatriz Alves Andrade e Sousa

Trabalho efetuado sob a orientação de

Prof.^a Doutora Alexandra Carneiro e Prof.^a Doutora Vânia Sousa Lima

Porto, julho de 2021

Agradecimentos

Às minhas orientadoras, Prof. Doutora Alexandra Carneiro e Prof. Doutora Vânia Sousa Lima por terem sido duas pessoas de referência ao longo da minha formação, por todos os ensinamentos, por todos os conselhos e orientações. Muito obrigada por todos os momentos de reflexão que foram fundamentais!

Aos meus pais, por todo o apoio e investimento, por me terem sempre permitido e encorajado a seguir os meus objetivos. Obrigada por acreditarem sempre em mim e por me terem permitido ser quem eu sou hoje!

Ao meu namorado, por todo o amor e incentivo, por estar sempre disponível para me ouvir e para me chamar à razão, por ter sido o meu grande apoio ao longo destes anos e por ter estado sempre ao meu lado, a acompanhar-me orgulhosamente neste percurso. Obrigada por seres como és!

À minha irmã, por estar sempre presente, a festejar cada pequena conquista!

À Mafalda, acompanhou-me em todos os momentos, ouviu-me e aconselhou-me sempre que precisei. Obrigada por todos os ensinamentos!

À Té, à Bá, e à Belmira, foram as amizades criadas durante estes anos e são as que vou levar para a vida, com um lugar especial no meu coração. Obrigada, por terem contribuído de forma tão especial para este percurso.

À minha família, aos que são como se fossem família e aos meus sogros, um agradecimento especial por terem acompanhado este meu percurso com carinho e por terem sempre uma palavra de apoio.

Quero agradecer a todos os Professores que tive ao longo do meu percurso académico e à Universidade Católica Portuguesa do Porto por todo o apoio e pelo ensino de excelência!

Gratidão por tudo aquilo que vivi,
por todas as aprendizagens que realizei
e por todas as pessoas com as quais me cruzei.

Índice

Lista de Tabelas.....	IV
Lista de Anexos.....	V
Resumo.....	VI
Abstract	VII
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Teórico	2
2.1. Divórcio	2
2.2. Adaptação da Família ao Divórcio	2
2.3. Variáveis Associadas a um Impacto Mais Negativo nos Filhos.....	3
2.4. Problemas Emocionais e de Comportamentos nos Filhos.....	4
2.5. Impacto da Pandemia COVID-19 nas Famílias	7
3. Método	9
3.1. Amostra	9
3.2. Instrumentos	13
3.3. Procedimentos	14
3.3.1) Recolha de dados	14
3.3.2) Tratamento e análise de dados.....	15
4. Resultados	16
5. Discussão.....	25
6. Conclusões	27
Referências bibliográficas	30
ANEXOS.....	31

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos pais

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica dos filhos

Tabela 3 - Diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das características sociodemográficas parentais

Tabela 4 - Diferenças ao nível emocional e comportamental, problemas de comportamento, hiperatividade nos filhos, em função do sexo dos filhos e do acompanhamento psicológico

Tabela 5 - Diferenças ao nível emocional e comportamental, sintomas emocionais, problemas de relacionamento com colegas nos filhos, em função de algumas características dos filhos

Tabela 6 - Diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das vivências parentais relativas à situação pandémica por COVID-19

Tabela 7 - Diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das vivências dos filhos relativas à pandemia por COVID-19

Lista de Anexos

Anexo 1 - Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido

Anexo 2 - Questionário Sociodemográfico- Pais

Anexo 3 - Questionário Sociodemográfico- Filhos

Anexo 4 - COVID-19- Pais

Anexo 5 – COVID-19- Filhos

Anexo 6 - SDQ P 4-17

Resumo

O divórcio é cada vez mais recorrente e este é um processo que pode influenciar o desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais nos filhos. Assim, este estudo teve como objetivo analisar dificuldades emocionais e comportamentais em filhos de ex-casais, em função de características sociodemográficas dos pais e dos filhos, bem como das vivências de ambos associadas aos desafios da pandemia por COVID-19. A amostra é constituída por 59 pais com idades compreendidas entre 25 e 55 anos, que experienciaram pelo menos um processo de divórcio/ separação. Os filhos aos quais os resultados se reportam são filhos dessa ex-relação e têm entre 4 e 17 anos. Os resultados demonstraram que os rapazes apresentam níveis mais elevados de problemas de comportamento e hiperatividade, bem como aquelas crianças que em algum momento usufruíram de acompanhamento psicológico, são os que apresentam níveis mais elevados de problemas emocionais e de comportamento. Pode concluir-se que algumas variáveis sociodemográficas poderão ter impacto nos problemas emocionais e de comportamento de crianças filhas de pais divorciados. Contudo, apesar de a literatura referir a existência de influência de outras variáveis, analisadas neste estudo, nesta amostra não foram encontradas diferenças significativas.

Palavras-chave: Problemas emocionais, Problemas comportamentais, Filhos de ex-casais, Variáveis sociodemográficas, COVID-19.

Abstract

Divorce is increasingly recurrent, and this is a process that can influence the development of emotional and behavioral problems in children. Thus, this study aimed to analyze emotional and behavioral difficulties in children of former couples, due to the sociodemographic characteristics of parents and children, as well as the experiences of both associated with the challenges of the pandemic by COVID-19. The sample consists of 59 parents aged between 25 and 55 years, who experienced at least one divorce/separation process. The children to whom the results are reported are children of this ex-relationship and are aged between 4 and 17 years old. The results showed that boys have higher levels of behavior and hyperactivity problems, as well as those children who, at some point, were referred to psychological services, are the ones with higher levels of emotional and behavioral difficulties. It can be concluded that some sociodemographic variables may have impact on the emotional and behavioral problems of children of divorced parents. However, although the literature mentions the influence of other variables, analyzed in this study, no significant differences were found.

Key words: Emotional problems, Behavioral problems, Children of former couples, Sociodemographic variables, COVID-19.

1. Introdução

Os modelos teóricos do divórcio não descrevem o divórcio como um evento único e discreto, mas como um processo (Amato, 2010). Assim, o divórcio corresponde a um processo, do casal e da família, e que é contínuo, correspondendo à desagregação do relacionamento conjugal e da família original. Habitualmente, conduz a consequências negativas como o aumento do desajustamento emocional e sofrimento para os elementos do casal e para os filhos, bem como à ocorrência de múltiplas mudanças (Amato, 2000; Wagner & Diamond, 2016). Deste modo, o divórcio dos pais pode constituir-se como um acontecimento marcante no desenvolvimento dos filhos, com um elevado impacto nos diferentes níveis da vida destas crianças e adolescentes (Iraurgi et al., 2008). A separação conjugal vai corresponder a um conjunto de alterações na vida diária, nas relações entre os elementos, no funcionamento das famílias e nos papéis desempenhados pelos mesmos (Moura & Matos, 2008; Pedro, 2013). Contudo, apesar de todas as alterações que o divórcio acarreta para o sistema familiar, os pais ainda têm a responsabilidade na facilitação de um clima estável, previsível, de afeto, supervisão e proteção, para potenciarem o bem-estar dos filhos (Martínez-Pampliega et al., 2019).

Em 2011, cerca de 43.4% das famílias monoparentais surgiam associadas ao estado civil de divorciado/a (Instituto Nacional de Estatística, 2013). Segundo o PORDATA (2021a), o número de casamentos dissolvidos por divórcio em 2019, em Portugal, correspondeu a aproximadamente 61.4 por cada 100 casamentos. Importa referir que o número de agregados familiares em 2020, nos quais só um dos pais vive com o(s) filho(s) é de 470 654 (PORDATA, 2021b). Tendo em consideração estes dados e o facto de que a família surge como um sistema interativo, que pode ser fonte de proteção ou de risco para o desenvolvimento dos filhos, torna-se relevante estudar os efeitos colaterais que o divórcio pode ter nos filhos, tendo em conta que os filhos são quem, geralmente, é mais afetado pelas mudanças decorrentes do divórcio (Pedro, 2013; Martínez- Pampliega et al., s.d.; Mosmann et al., 2017). Isto ocorre porque, muitas vezes, o divórcio é a primeira mudança drástica nas suas vidas e este processo pode ter um impacto negativo a nível emocional e comportamental nos filhos (Amato, 2001; Martins, 2010).

O projeto de investigação *Intervenção no Divórcio- Egokitzen*, tem como objetivo validar para a população portuguesa o programa psicoeducativo *Egokitzen*. Este programa foi originalmente desenvolvido em Espanha e elaborado pela equipa de *Investigación Deusto FamilyPsych “Evaluación e Intervención Familiar”* (Martínez- Pampliega et al., s.d.) da *Universidad de Deusto* e está neste momento também a ser trabalhado pela *Universidad de Comillas* e pela Universidade Católica Portuguesa, no Centro Regional do Porto. Este programa

tem como objetivo proporcionar aos pais que estejam a passar por uma situação de separação ou de divórcio, habilidades e estratégias que são necessárias para diminuir o nível de *stress* que esta mudança causa na família e proteger os filhos dos efeitos prejudiciais do conflito interparental (Martínez- Pampliega et al., s.d.).

2. Enquadramento Teórico

2.1. Divórcio

Atualmente, é possível assistir-se a uma pluralidade de estruturas familiares, onde o divórcio surge inserido (Severino et al., 2014). O divórcio mais do que um evento isolado, corresponde a um processo longo, complexo e dinâmico, que leva à ocorrência de alterações em todo o sistema familiar, tanto individuais como relacionais, correspondendo a um corte legal do vínculo conjugal e ao término da relação, englobando sentimentos de descontentamento, frustração e desilusão (Hetherington, 1993 cit. in Lamela et al., 2009; Martins, 2010; Martínez-Pampliega et al., s.d.; Prata, 2018). Em algumas famílias o divórcio pode ser influenciado pela transmissão intergeracional, sendo que as relações parentais conflituosas, o divórcio ou ambos aumentam a probabilidade de que a próxima geração experiencie a dissolução das suas próprias relações (Amato & Rodgers, 1999; Kim et al., 2009). Outra variável que pode influenciar o divórcio é o facto de os pais possuírem baixa escolaridade, surge associado a um maior risco de conflito e de divórcio. Por outro lado, ter formação superior pode ser um fator protetor da relação conjugal (Dronkers & Härkönen, 2008; Holley et al., 2006).

Sendo este um período conturbado, todos os elementos da família passam por desafios e exigências que podem levar ao surgimento de dificuldades na adaptação à nova forma de viver, tendo em conta que este é um processo de elevado *stress* psicossocial (Martins, 2010; Hetherington, 1993).

2.2. Adaptação da Família ao Divórcio

O divórcio corresponde ao fim do subsistema conjugal, mas não ao fim do sistema familiar, pois este sistema auto-organizado e dinâmico, engloba outros subsistemas e não apenas o conjugal. Assim, não é por ter ocorrido a separação conjugal que significa que os restantes subsistemas tenham desaparecido (Hetherington & Kelly, 2002 cit. in Lamela et al., 2009). Os pais estão a terminar a sua relação conjugal, mas continuam ligados à sua relação parental, é importante que esta diferença esteja presente para que consigam separar aquilo que é o passado da sua relação conjugal, daquilo que é o presente e o futuro da sua relação parental (Ferrante, 2005). Deste modo, os pais têm de delinear novos papéis, regras, rotinas e hábitos, para potenciarem o ajustamento saudável de todos os membros da família (Emery, 1999 cit. in

Lamela et al., 2009). Acontecimentos de vida com impacto negativo, como é o caso do divórcio, podem proporcionar alterações nos modelos internos dinâmicos que os filhos desenvolvem de si próprios e das outras pessoas, visto que as interações que estabelecem com as suas principais figuras de vinculação vão modelar as suas relações (Minuchin & Fishman, 1990 cit. in, Frizzo et al., 2005; Moura & Matos, 2008). O divórcio exerce assim influência significativa não só no casal, mas também nos seus filhos que estão expostos a todas as mudanças decorrentes deste processo, assim os subsistemas conjugal, parental e coparental têm um papel importante no desenvolvimento dos filhos, em diferentes faixas etárias (DeLucia-Waack & Gellman, 2007; Mosmann et al., 2017; Teubert & Pinquart, 2010).

A adaptação ao divórcio não tem uma relação direta com o processo de divórcio em si, mas com outras variáveis que se encontram associadas ao divórcio, que podem facilitar ou dificultar a adaptação às mudanças, por exemplo: sexo, idade; existência de irmãos; nível socioeconómico; estrutura familiar (Cummings & Davies, 2002; Martins, 2010; Prata, 2018; Sani, 2002 cit. in Sani, 2007; Wagner & Diamond, 2016; Woodward et al., 2000). Segundo o Modelo de Wallerstein (1983), que conceptualiza o ajustamento da criança ao divórcio, a tarefa de resolução da perda é a tarefa mais árdua decorrente do divórcio parental. Esta situação acarreta para os filhos a necessidade de terem de lidar com possíveis perdas, como por exemplo: das condições económicas; das rotinas/hábitos diários; da presença de ambos os pais juntos; na dinâmica relacional com os progenitores; a redução da frequência do contacto com um dos pais; residência; da família; da escola; de amigos (cit. in Morais, 2007). Quando ocorre um divórcio e um dos progenitores tem de sair de casa, se esse progenitor for uma figura de vinculação responsiva e confiável e repentinamente torna-se ausente, a criança terá de reconstruir os seus modelos internos porque a sua confiança foi impactada (Bowlby, 1973, 1980; Bretherton, 1985; Bretherton & Munholland, 1999; Main et al., 1985 cit. in Moura & Matos, 2008). O divórcio é um acontecimento que pode potenciar alterações significativas nas relações de vinculação dos filhos com as suas figuras parentais. Assim, é fulcral que os filhos consigam superar os sentimentos de rejeição e impotência que o divórcio e a saída de casa do pai ou da mãe podem desencadear (Cummings & Davies, 2002; Morais, 2007; Moura & Matos, 2008; Woodward et al., 2000).

2.3. Variáveis Associadas a um Impacto Mais Negativo nos Filhos

Como referido, existem variáveis que podem potenciar um impacto mais negativo da adaptação dos filhos ao divórcio dos pais, como por exemplo, o estabelecimento de uma nova relação por parte de um dos progenitores pode corresponder a um impedimento para o exercício das funções parentais do outro progenitor, devido à inclusão de um terceiro elemento na relação

com os filhos (Alves et al., 2015). No entanto, um outro fator importante para os filhos ultrapassarem o processo de divórcio é a existência de outros irmãos (Juras & Costa, 2011). Segundo Raposo et al. (2011), o bem-estar dos progenitores surge como um fator que promove a adaptação dos filhos ao processo de divórcio, e um dos fatores que medeia a adaptação das crianças e dos adolescentes ao divórcio parental é a manutenção das condições económicas familiares. Assim, é perceptível que as dimensões relacionadas com o ajustamento dos próprios pais ao divórcio vão influenciar a adaptação dos filhos.

Perante isto, importa referir que os filhos são agentes ativos e reativos das influências familiares, assim, é pertinente que se analisem as diferenças individuais destas crianças e adolescentes, como podendo corresponder a fatores de maior vulnerabilidade ou de proteção perante a exposição às diferentes vivências do processo de divórcio (Graham- Bermann, 1998 cit. in Sani, 2007; Sani, 2007).

2.4. Problemas Emocionais e de Comportamentos nos Filhos

Os problemas associados ao divórcio dos pais podem evidenciar-se a curto ou a longo prazo, ao nível cognitivo, emocional e ou comportamental nos filhos e estender-se pelos seus diferentes contextos de vida (DeGarmo & Forgatch, 2005; Rich, et al., 2007 cit. in Prata, 2018). Na sua generalidade o divórcio tem uma influência negativa no bem-estar ao nível psicológico dos filhos de pais divorciados, potenciando uma variedade de problemas ao nível comportamental como: agressividade; desobediência; dificuldades de autocontrolo. Ao nível emocional como: depressão; ansiedade; baixa autoestima e baixo autoconceito. Pode potenciar também relações disfuncionais com os pais, dificuldades na interação social, entre outros (Amato, 2000). Ao nível escolar pode ocorrer o surgimento de dificuldades de comportamento a nível académico, bem como uma diminuição de motivação e, conseqüentemente, do rendimento escolar (Amato, 2000; Buehler et al., 1997; McLanahan & Sandefur, 1994 cit. in Holley et al., 2006; O'Hara et al., 2019; Sun & Li, 2001, 2009 cit. in Prata, 2018). Isto pode acontecer porque os filhos têm mais dificuldade em manter a concentração em atividades que exijam um nível mais elevado de complexidade e porque quando os pais apresentam conflitos e dificuldades de comunicação, as questões relativas à vida escolar dos seus filhos vão apresentar-se como mais um ponto de desentendimentos, que pode traduzir-se em conseqüências danosas no rendimento escolar dos filhos (Marin & Mosmann, s.d.; Nunes-Costa et al., 2009).

Quando fatores de risco associados ao divórcio parental favorecem a ocorrência de efeitos negativos e de desorganização nos filhos, tal pode potenciar sentimentos de insegurança emocional, levando à ocorrência de problemas emocionais e de comportamento nos mesmos

(Berger, 2003 cit. in Prata, 2018; Martins, 2010). Os rapazes apresentam mais problemas ao nível de comportamento, como: irritabilidade, agressividade, hiperatividade, défice de atenção, não cumprimento de regras e normas. Enquanto as raparigas apresentam mais problemas ao nível emocional, como: ansiedade, depressão, tristeza, baixa autoestima, isolamento, evitamento, queixas somáticas (Bacro & Macario de Medeiros, 2021; Cummings et al., 1994; Figueiredo, 1998; Massola & Silvares, 2005; Mosmann et al., 2017; Navarro-Pardo, et al., 2012). Contudo, existem outros estudos que não estabelecem uma ligação estatisticamente significativa entre problemas emocionais e de comportamento e o género (Schroeder et al., 2010).

A idade que os filhos têm quando o divórcio ocorre é uma variável importante porque o impacto que o divórcio pode ter nas crianças e adolescentes, pode variar com base no estágio desenvolvimental em que se encontram (Marin & Mosmann, s.d.). Assim, o pior ajustamento pode ocorrer quando o divórcio acontece em fases de desenvolvimento ou em fases importantes da vida dos filhos, como por exemplo, a entrada para a escola ou a adolescência (Ofra, 1993 cit. in Martins, 2010). As crianças pequenas são mais dependentes dos pais, percebem os conflitos interparentais sob a forma de ameaça, e não interferem nas discussões dos pais. Mas à medida que as crianças crescem poderão estar mais envolvidas e sensíveis ao conflito interparental e ao processo de divórcio (Casimiro, 2014; Cummings et al., 1994; Martins, 2005). Segundo Mosmann et al. (2017), fazendo a comparação entre a sintomatologia e os grupos etários dos filhos foi possível verificar-se diferença estatisticamente significativa apenas em relação aos problemas de comportamento. Sendo que, verificou-se um número mais elevado de crianças até aos 7 anos com problemas de comportamento e nos adolescentes entre os 11 e os 15 anos (Mosmann et al., 2017). Estes resultados podem ser explicados pelo facto de que até aos 7 anos as crianças estão a iniciar o seu percurso escolar, esta inserção pode apresentar dificuldades por parte das crianças na adaptação às regras e rotinas escolares. Para além disto, nesta fase, os filhos ainda exigem muita atenção e cuidados parentais, por isso a avaliação que os pais fazem nesta fase sobre as dificuldades dos seus filhos pode ser mais criteriosa (Mosmann et al., 2017). Em relação aos adolescentes entre os 11 e os 15 anos esta associação pode ser feita em relação às crises de identidade, comuns nesta fase de desenvolvimento, existe necessidade de, por exemplo, afirmação perante o grupo de pares, desafiarem e questionarem as figuras de autoridade (e.g. os pais). Perante estes comportamentos naturais da fase da adolescência somados a problemáticas a nível familiar, como as mudanças decorrentes do processo de divórcio parental, podem fazer emergir problemas de comportamento. Contudo, alguns pais podem também considerar que os comportamentos comuns da fase da adolescência

correspondem a problemas de comportamento, decorrentes do impacto do divórcio nos filhos (Mosmann et al., 2017).

O divórcio terá efeito no surgimento de problemas emocionais e de comportamento nos filhos, dependendo também das características contextuais: ambiente familiar; satisfação familiar; relações pai-filho (Jurma, 2015). Com a revisão da literatura foi perceptível que existem variáveis sociodemográficas dos pais que podem ter impacto nos problemas emocionais e de comportamento nos filhos. O progenitor masculino é uma fonte de suporte para as filhas, visto que nos casos em que as filhas possuem uma relação próxima com o pai o risco de depressão não é tão evidente (Morais, 2007). O contacto e envolvimento existente entre o filho e o progenitor que não possui a custódia pode ser mais reduzido, diminuindo e acentuando-se com o decorrer do tempo e com o crescimento dos filhos. O que pode desencadear uma diminuição na qualidade da relação existente entre ambos e provocar um afastamento físico e emocional. Sendo que, na maioria das famílias onde ocorreu o divórcio, é a mãe que fica com a guarda dos filhos, isto provoca um afastamento entre o pai e os filhos (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994; Hetherington & Kelly, 2002; Moura & Matos, 2008; Narciso, no prelo cit. in Moura & Matos, 2008; Vieira et al., 2019). Segundo Amato & Cheadle (2005), os netos de avós que se divorciaram possuem dificuldades mais acentuadas no estabelecimento de relação com ambas as figuras parentais, sendo que esta associação surge mediada pelos problemas conjugais existentes entre os pais destas crianças.

A existência de psicopatologia num dos progenitores ou em ambos, por exemplo depressão, aumenta a probabilidade de não existir uma prestação de cuidados aos filhos, ao nível instrumental e emocional, tão eficaz (Raposo et al., 2011). Para além disto, filhos de pais separados que apresentem sintomatologia psicopatológica (como depressão e ansiedade), possuem mais hipóteses de desenvolverem a mesma sintomatologia, bem como comportamentos de oposição, autoestima baixa, comportamento social desajustado, rendimento académico baixo, défices de atenção e ao nível do relacionamento interpessoal (Pilowsky et al., 2006).

Apesar de a literatura realçar o impacto negativo que o divórcio pode ter nas famílias dissolvidas pelo divórcio, nem todos os filhos de pais divorciados apresentam problemas emocionais e/ou de comportamento, e alguns estudos sobre esta temática são inconclusivos (Haddad et al., 2016 cit. in Martínez-Pampliega et al., 2019). Por exemplo, a investigação demonstra que os filhos que vivem em famílias com ambos os progenitores, mas com conflitos interparentais, possuem mais dificuldades ao nível emocional do que as crianças que vivem com ambos os pais e com poucos conflitos. Perante isto, quando os progenitores vivem juntos

e existem muitos conflitos, os filhos sentem-se melhores após o divórcio dos pais (Emery, 2016).

2.5. Impacto da Pandemia COVID-19 nas Famílias

A pandemia por COVID-19 surgiu através do vírus SARS-Cov-2 e expandiu-se em Portugal a partir de março de 2020, causando transformações em todos os setores e obrigando as famílias a reestruturarem-se para se adaptarem às exigências da pandemia (Meireles, 2020; Sarmiento et al., 2020).

Tendo em conta o impacto social e económico desta pandemia, um número significativo de pais enfrentou, e continua a enfrentar, desafios e mudanças significativas nas suas vidas, o que vai influenciar o bem-estar dos pais e, conseqüentemente, o bem-estar dos filhos (Prime et al., 2020). Isto constitui-se como um fator de risco para o desenvolvimento das crianças, pois o modo como um membro da família está a vivenciar as mudanças causadas pelo COVID-19 pode refletir-se na forma como os restantes membros vão experienciar essas alterações (Prime et al., 2020). Para além das preocupações financeiras e situações de desemprego, podem também surgir situações causadoras de *stress*, ansiedade e preocupação relacionadas com a saúde física dos próprios ou de familiares e/ou amigos, redução no apoio social, alterações nas dinâmicas e rotinas familiares e no trabalho, bem como a sobrecarga que os pais podem sentir ao terem de fornecer apoio aos filhos a nível social e educacional (Lebow, 2020b; Prime et al., 2020). Existem outros fatores que antes da pandemia podiam não ter impacto, mas que com o surgimento da pandemia e das medidas decretadas, como o ensino e trabalho à distância, podem impactar negativamente a díade pai-filho, visto que em muitos casos as famílias tiveram de adaptar todas as rotinas dentro da mesma habitação, tendo de partilhar os mesmos espaços, não podendo sair de casa, o que pode ser para muitas famílias uma ameaça para o bem-estar dos pais e dos filhos (Prime et al., 2020). Contudo, estes efeitos adversos podem variar conforme a fase de desenvolvimento das crianças e adolescentes, bem como com base nas vivências familiares (Glynn et al., 2021; Prime et al., 2020). As relações familiares também podem ser prejudicadas, visto que quando os pais têm de gerir níveis elevados de *stress*, podem surgir dificuldades na manutenção da qualidade das relações entre os diferentes elementos da família (Conger & Elder, 1994 cit. in, Prime et al., 2020).

Apesar de a pandemia ter afetado todas as famílias, estas vão ser afetadas de diversificadas formas, algumas vão estar mais vulneráveis, tendo em consideração fatores como: dificuldades pré-existentes, dificuldades económicas, psicopatologia, divórcio (Lebow, 2020a; Prime et al., 2020). Posto isto, esta pandemia pode ter influenciado de forma negativa o bem-estar das crianças e das suas famílias, pelo surgimento de múltiplos desafios como:

sobrecarga de cuidados; mudanças nas rotinas e em diversos contextos de vida. Desafios que potencializam o surgimento de sentimentos de frustração, tristeza e insegurança (Cacioppo & Cacioppo, 2014 ; Hawkley & Capitano, 2015; Prime et al., 2020; Van Lancker & Parolin, 2020). No estudo de Brown e colaboradores (2020), 21% a 47% dos pais que participaram referiram que os seus filhos vivenciaram alterações negativas ao nível de saúde e de aprendizagem, decorrentes da pandemia. Neste mesmo estudo, concluíram que a maioria dos pais referiu apresentar sintomas de ansiedade e depressão, bem como hábitos de sono insatisfatórios (Brown et al., 2020). Contudo, outras famílias podem ter aproveitado esta fase de adversidade, como uma oportunidade de crescimento para adquirirem competências importantes como a capacidade de resiliência, para se adaptarem às exigências da pandemia, bem como realizarem alterações positivas nas suas rotinas e relações familiares. Visto que alguns pais, ao não realizarem deslocações para o trabalho, começaram a ter mais tempo para estarem com os filhos e realizarem mais atividades em família (Brown et al., 2020; Masten & Narayan, 2012; Wang et al., 2020).

O impacto da pandemia será mais nefasto em famílias que possuam vulnerabilidades pré-existentes, o que se constitui como um fator de risco para o bem-estar de todos os elementos da família, inclusive os filhos (Prime et al., 2020). No caso das famílias que passaram por um divórcio ou separação é essencial que existam rotinas, mas o COVID-19 veio interromper e alterar essas rotinas (Lebow, 2020a). Perante isto, para que as crianças se sintam em segurança, é importante que as famílias preservem e nutram os relacionamentos entre todos, visto que o ajustamento das crianças é influenciado pelas relações familiares (Browne et al., 2015; Prime et al., 2020). Sendo ainda mais premente, visto que as crianças e adolescentes ficaram privados de irem para as escolas e para as atividades extracurriculares, logo ficaram mais dependentes das relações familiares (Lebow, 2020a). Assim, com os desafios que as famílias tiveram de enfrentar durante este período de pandemia, é essencial a existência de relações estruturantes, e rotinas familiares que sejam caracterizadas por: nutrição, orientação e proteção. Para que as famílias conseguissem promover competências fundamentais, como a resiliência para a adaptação às mudanças causadas pela pandemia (Glynn et al., 2021; Walsh, 2015 cit. in Prime et al., 2020).

Segundo Robson (2020), as consequências do impacto da pandemia ainda não são todas conhecidas, contudo as crianças são suscetíveis às preocupações dos pais, logo sendo este um período desafiador para todos, é possível afirmar-se que as crianças vão ser influenciadas pelos sentimentos de angústia e preocupação dos seus pais. As medidas decretadas durante o Estado de Emergência, podem ter aumentado o *stress* familiar e terem criado limites mais rígidos entre

os elementos do agregado familiar e aqueles que estão fora desse agregado, como é o caso do progenitor que sai de casa após o divórcio (Lebow, 2020a). Com os períodos de confinamento ocorreu uma intensificação dos papéis parentais, prevalência de fatores de *stress* desencadeados pelo desemprego e dificuldades financeiras (Lebow, 2020a). Perante todas estas alterações os relacionamentos de coparentalidade pós-divórcio e os relacionamentos pais-filhos mais frágeis, estão mais suscetíveis à possibilidade de ocorrerem mais dificuldades de relacionamento e de adaptação às mudanças necessárias (Lebow, 2020a; Lebow, 2020b).

3. Método

Tendo em conta o objetivo geral do estudo, analisar dificuldades emocionais e comportamentais em filhos de ex-casais, em função de características sociodemográficas e dos desafios associados à pandemia por COVID-19, os objetivos específicos são os seguintes:

1. Avaliar diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens, tendo em conta variáveis parentais, nomeadamente: idade; sexo; estado civil; configuração familiar; nível de escolaridade; situação profissional; acompanhamento psicológico; transmissão intergeracional do divórcio.

2. Avaliar diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens, tendo em conta variáveis dos filhos, nomeadamente: idade; sexo; existência de irmão(s); frequência temporal com que o filho está com cada um dos progenitores; idade que tinha no momento do divórcio/separação; acompanhamento psicológico.

3. Avaliar diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens, tendo em conta as vivências dos pais relativamente à situação pandémica por COVID-19, nomeadamente: nível de preocupação com a possibilidade do próprio ser infetado; nível de preocupação com a possibilidade de o filho ser infetado; surgimento de sintomatologia psicopatológica; alteração no tempo que passou com o filho.

4. Avaliar diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens, tendo em conta as vivências dos filhos relativamente à situação pandémica por COVID-19, nomeadamente: nível de preocupação com a possibilidade do próprio ser infetado; surgimento de sintomatologia psicopatológica; convívio presencial com os progenitores; residência durante o confinamento; desempenho escolar.

3.1. Amostra

O processo de amostragem é não probabilístico, é constituído por uma amostra intencional, com os seguintes requisitos: (a) ser progenitor/a que tenha experienciado um processo de divórcio/ separação em algum momento da sua vida; (b) possuir, pelo menos, um

filho em comum dessa relação; (c) sendo que esse filho tem de se encontrar, no momento atual, na faixa etária entre os 4 e os 17 anos. Não é condição participarem os dois elementos do casal no estudo.

Neste estudo participaram 59 pais, sendo 47 (79.7%) do sexo feminino e 12 (20.3%) do sexo masculino. A média de idades é de 43 anos ($M = 42.81$, $DP = 6.09$), sendo que varia entre os 25 e os 55 anos. No que concerne ao estado civil, a maioria dos participantes (64.4%) estão divorciados/ separados. Em relação à configuração familiar, a maioria indica ter uma configuração familiar monoparental (57.6%). No que diz respeito às habilitação académicas, 39% tem licenciatura. No que respeita à situação profissional, a maioria está a trabalhar (86.4%), sendo que apenas 10.2% dos participantes estão desempregados e 3.4% são trabalhadores-estudantes. A maioria dos participantes que indicou estar a trabalhar, referiu estar em *full-time* (86.4%) (ver tabela 1).

Importa também realizar a descrição dos filhos destes participantes aos quais os resultados se reportam. Assim, 32 (54.2%) são do sexo feminino e 27 (45.8%) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 4 e os 17 anos, com uma média de 12 anos ($M = 11.54$, $DP = 3.73$). Destes 59 filhos, 22 (37.3%) têm pelo menos um irmão (ver tabela 2).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos pais

	<i>n</i>	%
Idade		
25 – 35 anos	7	11.9
36 – 46 anos	34	57.6
47 – 55 anos	18	30.5
Sexo		
Feminino	47	79.7
Masculino	12	20.3
Estado Civil		
Solteiro/a	9	15.3
Casado/a	4	6.8
União de Facto	7	11.9
Divorciado/a	36	61
Separado/a	2	3.4

Configuração Familiar		
Monoparental	34	57.6
Heteroparental	21	35.6
Homoparental	3	5.1
Nível de Escolaridade		
Entre o 5.º ano e o 7.º ano	1	1.7
Entre o 8.º ano e o 9.º ano	4	6.8
Ensino Secundário	13	22
Licenciatura	23	39
Mestrado	13	22
Doutoramento	5	8.5
Situação Profissional		
Trabalhador- Estudante	2	3.4
Empregado/a	51	86.4
<i>Full-time</i>	51	86.4
<i>Part-time</i>	2	3.4
Desempregado/a	6	10.2
Acompanhamento Psicológico		
Já usufruiu de acompanhamento psicológico individual	34	57.6
Ainda usufrui	10	16.9
Já não usufrui	24	40.7
Nunca usufruiu de acompanhamento psicológico individual	25	42.4
Transmissão Intergeracional do Divórcio		
É filho/a de pais divorciados/separados	15	25.4
Não é filho/a de pais divorciados/separados	44	74.6

Tabela 2*Caracterização sociodemográfica dos filhos*

	<i>n</i>	<i>%</i>
Idade		
4 – 10 anos	23	39
11 – 17 anos	36	61

Sexo		
Feminino	32	54.2
Masculino	27	45.8
Tem irmão(s)		
Sim	22	37.3
Não	37	62.7
Frequência temporal com que está com cada um dos progenitores		
Com o progenitor- participante		
Diariamente	41	69.5
Semanalmente	12	20.3
Quinzenalmente	2	3.4
Mensalmente	1	1.7
Com o outro progenitor		
Diariamente	12	20.3
Semanalmente	21	35.6
Quinzenalmente	6	10.2
Mensalmente	3	5.1
Quase nunca	1	1.7
Nunca	3	5.1
Idade no momento do divórcio/separação		
1 – 6 anos	37	62.7
7 – 12 anos	21	35.6
Mudanças decorrentes do divórcio/separação		
Mudança de residência	24	40.7
Mudança de país	1	1.7
Mudança de escola	2	3.4
Mudança de residência, de cidade e de escola	6	10.2
Mudança de residência e de escola	5	8.5
Mudança de residência e de país	1	1.7
Mudança nos hábitos presenciais com os progenitores	1	1.7
Mudança de residência e de cidade	2	3.4
Mudança de residência, de cidade e de país	1	1.7

Acompanhamento Psicológico

Já usufruiu de acompanhamento psicológico individual	27	45.8
Ainda usufrui	11	18.6
Já não usufrui	16	27.1
Nunca usufruiu de acompanhamento psicológico individual	32	54.2

3.2. Instrumentos

Para o estudo em análise utilizou-se uma escala de avaliação e quatro questionários construídos pela equipa, que se apresentam de seguida.

Questionário Sociodemográfico dos Pais: Constitui-se por questões que solicitam informações referentes aos pais, nomeadamente as que foram utilizadas neste estudo relativas à idade, sexo, estado civil, configuração familiar, nível de escolaridade, situação profissional, acompanhamento psicológico, transmissão intergeracional do divórcio.

Questionário Sociodemográfico dos Filhos: Constitui-se por questões que solicitam informações referentes aos filhos, nomeadamente as que foram utilizadas neste estudo relativas à idade, sexo, existência de irmão(s), frequência temporal com que o filho está com cada um dos progenitores, idade que tinha no momento do divórcio/separação, mudanças decorrentes do divórcio/separação, acompanhamento psicológico.

Questionário COVID-19 Pais: Constitui-se por questões que solicitam informações referentes à vivência dos pais face aos desafios apresentados pela situação pandémica de COVID-19, nomeadamente as que foram utilizadas neste estudo relativas ao nível de preocupação com a possibilidade do próprio ser infetado, nível de preocupação com a possibilidade de o filho ser infetado, surgimento de sintomatologia psicopatológica, alteração no tempo que passou com o filho.

Questionário COVID-19 Filhos: Constitui-se por questões que solicitam informações referentes à vivência dos filhos face aos desafios apresentados pela situação pandémica de COVID-19, nomeadamente as que foram utilizadas neste estudo relativas ao nível de preocupação com a possibilidade do próprio ser infetado, surgimento de sintomatologia psicopatológica, convívio presencial com os progenitores, residência durante o confinamento, desempenho escolar.

Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ P4-17; Goodman, 1999; versão portuguesa Fleitlich et al., 2004): foi utilizado para avaliar dificuldades emocionais e de comportamento dos filhos entre os 4 e os 17 anos. Este questionário permite recolher informações sobre as perceções dos pais, na dimensão emocional e comportamental dos filhos,

nos últimos seis meses e é composto por vinte e cinco itens que estão divididos em cinco escalas: 1) Sintomas Emocionais; 2) Problemas de Comportamento; 3) Hiperatividade; 4) Problemas de Relacionamento com os Colegas; 5) Comportamento Pró-social. Cada uma destas escalas é composta por cinco itens, sendo que cada um dos itens é respondido numa escala de *Likert*: “Não é verdade; É um pouco verdade; É muito verdade”. A opção de resposta “É um pouco verdade” é sempre cotada com 1, cada uma das outras duas opções podem ser cotadas com 0 ou 2, consoante o item. O cálculo da Pontuação Total de Dificuldades é feito através da soma das quatro escalas, com exceção da escala de Comportamento Pró-social (Abreu-Lima et al., 2010; Youth in Mind, 2012). A escala de Comportamento Pró-social não foi utilizada neste estudo. Com base nas qualidades psicométricas do instrumento original este apresenta uma consistência interna de .73, com base nos valores *alpha cronbach*, sendo este um valor aceitável (Goodman, 2001). Segundo Marzocchi et al., (2004) os estudos sobre este instrumento que foram realizados em Portugal, apresentaram evidências da fiabilidade e validade da utilização do mesmo na população portuguesa. Em relação às qualidades psicométricas deste instrumento e da versão para os pais, no estudo de Abreu-Lima et al. (2010) os valores de consistência interna na escala Problemas com Colegas foram inferiores a .60 (*alpha* pré-teste .59 e *alpha* pós-teste .52). Nas restantes escalas, os valores são iguais ou superiores a .60. Estes valores podem ser considerados como aceitáveis visto que cada escala é composta apenas por 5 itens.

3.3. Procedimentos

3.3.1) Recolha de dados

A administração e recolha de dados dos questionários, foi feita em formato *online*, com o recurso ao *software Qualtrics*, visto que perante a situação pandémica atual não seria possível a administração dos questionários de forma presencial. Estes instrumentos são de administração individual, para serem preenchidos pelo pai e/ou mãe. A divulgação foi feita através da partilha do *link* em diferentes redes sociais (Instagram, Facebook) e a administração decorreu entre fevereiro e abril de 2021.

De modo a garantir as questões éticas necessárias para a realização do estudo, existiu um documento a explicar o estudo: objetivo; implicações de participação; indicação de confidencialidade; contactos dos elementos da equipa. Foi solicitado aos participantes o consentimento informado, onde indicavam que entenderam o estudo e tudo o que implica participar no mesmo, referindo que participaram de livre e espontânea vontade.

3.3.2) Tratamento e análise de dados

O *software* utilizado para o tratamento e análise destes dados foi o *IBM® SPSS®* versão 27, que permitiu fazer uma análise estatística dos dados recolhidos (Martins, 2011).

Recorreu-se à estatística descritiva que permitiu descrever, sumariamente, os dados recolhidos, considerando medidas de tendência central, para descrever o centro de distribuição dos valores das variáveis em análise, e medidas de dispersão utilizadas para descrever o quanto os valores individuais de uma mesma variável estão próximos do centro da sua distribuição ou se afastam do mesmo. Recorrendo-se também à estatística inferencial para avaliar diferenças entre grupos (Martins, 2011).

Para analisar os objetivos apresentados com as variáveis referidas anteriormente realizou-se num primeiro momento a descrição dos participantes e dos filhos, recorrendo à análise das variáveis sociodemográficas utilizando a estatística descritiva, nomeadamente as medidas de tendência central e dispersão. Sendo que para as variáveis nominais recorreu-se à moda e às frequências, para as variáveis ordinais utilizou-se a mediana e o intervalo interquartilício e para as variáveis intervalares a média e o desvio-padrão (Martins, 2011).

Seguidamente, para avaliar as diferenças emocionais e comportamentais dos filhos tendo em conta as variáveis sociodemográficas e os desafios associados à pandemia por COVID-19, utilizou-se a estatística inferencial, sendo que os testes foram escolhidos com base nos objetivos específicos mencionados anteriormente. Deste modo, utilizaram-se testes de diferenças *design* inter-sujeitos. Testes *t* para Amostras Independentes, que permitiram comparar dois grupos independentes ao nível da variável dependente intervalar, neste caso o *score* da pontuação total de todas as escalas do SDQ. Com estes testes foi possível avaliar se existiam diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos relativamente às seguintes variáveis: 1) sexo dos participantes; 2) estado civil dos participantes, variável recodificada; 3) nível de escolaridade dos participantes, variável recodificada; 4) acompanhamento psicológico dos participantes; 5) transmissão intergeracional do divórcio; 6) idade dos filhos, variável recodificada; 7) sexo dos filhos, realizou-se um Teste *t* com: o *score* da pontuação total de dificuldades emocionais e comportamentais, e outros quatro testes cada um só com a pontuação de cada uma das escalas do SDQ (sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas); 8) existência de irmão(s); 9) idade dos filhos no momento do divórcio/separação, variável recodificada; 10) acompanhamento psicológico dos filhos; 11) surgimento de sintomas psicopatológicos nos participantes com o início da pandemia; 12) alteração no tempo com os filhos durante a pandemia; 13) preocupação dos filhos com a possibilidade de infeção por COVID-19; 14)

surgimento de sintomas psicopatológicos nos filhos com o início da pandemia; 15) convívio presencial com o progenitor com o qual não residem, durante o Estado de Emergência; 16) desempenho escolar dos filhos durante a pandemia.

Utilizaram-se também testes ANOVA Unifatorial (F) que permitiram comparar mais do que dois grupos independentes ao nível da variável dependente intervalar, o *score* da pontuação total de todas as escalas do SDQ, com exceção da escala pró-social, com estes testes foi possível avaliar se existiam diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos relativamente às seguintes variáveis: 1) idade dos participantes, variável recodificada; 2) configuração familiar, variável recodificada; 3) situação profissional dos participantes, variável recodificada; 4) frequência temporal com que o filho está com cada um dos progenitores, realizaram-se dois testes com as variáveis recodificadas; 5) preocupação dos participantes com a possibilidade de infeção por COVID-19, variável recodificada; 6) preocupação dos participantes com a possibilidade de infeção dos filhos por COVID-19, variável recodificada; 7) residência dos filhos no confinamento.

4. Resultados

4.1. Diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens em função de características sociodemográficas parentais

No que diz respeito às diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, não foram detetadas diferenças significativas entre os grupos em função das características sociodemográficas parentais: idade, sexo, estado civil, configuração familiar, nível de escolaridade, situação profissional, acompanhamento psicológico, transmissão intergeracional do divórcio (ver tabela 3).

Tabela 3

Diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das características sociodemográficas parentais

	Idade			F (2.56)
	25- 35 anos (n) Média (DP)	36- 46 anos (n) Média (DP)	47- 55 anos (n) Média (DP)	
Pontuação Total de Dificuldades	7 13.57 (10.15)	34 8.65 (5.07)	18 9.39 (5.39)	.14

Sexo			
	Feminino	Masculino	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	47	12	.45
Dificuldades	9.64 (6.39)	8.75 (4.39)	

Estado Civil			
	Com companheiro/a	Sem companheiro/a	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (56)
Pontuação Total de	11	47	.41
Dificuldades	10.27 (6.07)	9.45 (6.00)	

Configuração Familiar				
	Monoparental	Heteroparental	Homoparental	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>F</i> (2,55)
Pontuação	34	21	3	.45
Total de	9.76 (6.54)	9.71 (5.24)	6.33 (5.77)	
Dificuldades				

Nível de Escolaridade				
	Sem Ensino Superior	Com Ensino Superior		
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)		
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)		<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	18	41		.83
Dificuldades	10.44 (6.95)	9.02 (5.60)		

Situação Profissional				
	Empregado/a	Desempregado/a	Trabalhador- Estudante	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>F</i> (2,56)
Pontuação	51	6	2	1.10
Total de Dificuldades	9.00 (5.42)	12.50 (10.50)	12.00 (1.41)	
Acompanhamento Psicológico				
	Já usufruiu/ usufrui	Nunca usufruiu		
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)		
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)		<i>t</i> (57)
Pontuação Total de Dificuldades	34 9.76 (6.63)	25 9.04 (5.17)		.45
	Ainda usufrui	Já não usufrui		
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)		
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)		<i>t</i> (32)
Pontuação Total de Dificuldades	10 7.40 (6.63)	24 10.75 (5.17)		-1.36
Transmissão Intergeracional do Divórcio				
	Sim	Não		
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)		
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)		<i>t</i> (57)
Pontuação Total de Dificuldades	15 9.00 (4.87)	44 9.61 (6.41)		-.34

4.2. Diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens em função de características sociodemográficas dos filhos

Relativamente às diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos em função de características sociodemográficas dos próprios, os testes efetuados revelaram resultados

estatisticamente significativos nas seguintes variáveis: sexo, acompanhamento psicológico. No que diz respeito ao sexo o Teste t revelou resultados estatisticamente significativos na Pontuação Total de Dificuldades (*score total*), $t(57) = -2.38, p = .021$, na escala Problemas de Comportamento, $t(57) = -2.58, p = .013$, e na escala de Hiperatividade, $t(57) = -2.72, p = .009$. Os filhos do sexo masculino apresentaram uma média superior de problemas emocionais e comportamentais, quando comparados com os do sexo feminino, especificamente na escala de Problemas de Comportamento e na escala de Hiperatividade (ver tabela 4).

Em relação à variável acompanhamento psicológico, o Teste t revelou resultados estatisticamente significativos na Pontuação Total de Dificuldades (*score total*), $t(57) = 2.73, p = .008$, sendo que os filhos que em algum momento usufruíram ou que ainda usufruem, no momento presente, de acompanhamento psicológico apresentaram uma média superior na pontuação total de dificuldades (*score total*) do que os filhos que nunca usufruíram de acompanhamento psicológico. Contudo, não foram revelados resultados estatisticamente significativos no que diz respeito à existência de diferenças entre os filhos que já não usufruem de acompanhamento psicológico e os filhos que ainda usufruem (ver tabela 4).

Tabela 4

Diferenças ao nível emocional e comportamental, problemas de comportamento, hiperatividade nos filhos, em função do sexo dos filhos e do acompanhamento psicológico

	Sexo		$t(57)$
	Feminino (n) Média (DP)	Masculino (n) Média (DP)	
Pontuação Total de Dificuldades	32 7.81 (4.60)	27 11.41 (6.95)	-2.38*
Pontuação Escala Problemas de Comportamento	32 1.16 (1.08)	27 2.22 (2.02)	-2.58*
Pontuação Escala de Hiperatividade	32 2.94 (2.47)	27 4.78 (2.72)	-2.72**

Acompanhamento Psicológico			
	Já usufruiu/ usufrui	Nunca usufruiu	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	27	32	
Dificuldades	11.67 (5.68)	7.59 (5.74)	2.73**
	Ainda	Já não	
	usufrui	usufrui	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média	Média	<i>t</i> (25)
	(<i>DP</i>)	(<i>DP</i>)	
Pontuação Total de	11	16	
Dificuldades	11.73 (4.76)	11.63 (6.39)	.05

* $p < .05$; ** $p < .01$

Por outro lado, não foram revelados resultados estatisticamente significativos em relação às diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos em função de características sociodemográficas dos próprios nas seguintes variáveis: idade, existência de irmão(s), frequência temporal com que o filho está com cada um dos progenitores, idade que tinha no momento do divórcio/ separação (ver tabela 5). Para além destas, os Testes *t* não revelaram resultados estatisticamente significativos em relação à escala de Sintomas Emocionais, escala Problemas de Relacionamento com Colegas, em função do sexo (ver tabela 5).

Tabela 5

Diferenças ao nível emocional e comportamental, sintomas emocionais, problemas de relacionamento com colegas nos filhos, em função de algumas características dos filhos

	Idade		
	4-10 anos	11- 17 anos	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	23	36	
Dificuldades	9.30 (6.27)	9.56 (5.94)	-0.15

Sexo dos Filhos			
	Feminino	Masculino	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação dos Sintomas Emocionais	32 2.31 (1.93)	27 2.56 (2.23)	-0.45
Pontuação dos Problemas de Relacionamento com os Colegas	32 1.41 (1.16)	27 1.85 (2.12)	-1.02
Existência de Irmão(s)			
	Sim	Não	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação Total de Dificuldades	22 10.45 (7.10)	37 8.86 (5.29)	.98
Frequência temporal com os progenitores- participantes			
	Diariamente	Semanalmente	Quinzenalmente ou Mensalmente
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)
			<i>F</i> (2.53)
Pontuação Total de Dificuldades	41 9.27 (5.41)	12 10.58 (8.76)	3 10.00 (3.61)
			.22

Frequência temporal com o outro progenitor				
	Diariamente	Semanalmente	Quinzenalmente	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	ou Mensalmente	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	(<i>n</i>)	
			Média (<i>DP</i>)	
				<i>F</i> (2.43)
Pontuação Total	12	21	13	1.49
de Dificuldades	9.92 (7.49)	8.19 (5.56)	12.08 (6.59)	
Idade no momento do divórcio/ separação				
	1- 6 anos	7- 12 anos		
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)		
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)		<i>t</i> (56)
Pontuação Total de	37	21		
Dificuldades	9.86 (5.59)	8.95 (6.87)		.55

4.3. Diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens em função das vivências dos pais relativamente à situação pandémica por COVID-19

No que diz respeito às diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das vivências dos pais relativamente à situação pandémica por COVID-19, não foram detetadas diferenças significativas em função das variáveis relativas às vivências parentais: nível de preocupação com a possibilidade do próprio ser infetado, nível de preocupação com a possibilidade de o filho ser infetado, surgimento de sintomatologia psicopatológica, alteração no tempo que passou com o filho (ver tabela 6).

Tabela 6

Diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das vivências parentais relativas à situação pandémica por COVID-19

Nível de Preocupação				
	Nulo ou Reduzido (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	Moderado (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	Elevado ou Muito Elevado (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	<i>F</i> (2.56)
Pontuação Total de Dificuldades	6 8.50 (3.56)	24 10.04 (5.12)	29 9.17 (7.12)	.22
Nível de Preocupação dos Pais com os Filhos				
	Nulo ou Reduzido (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	Moderado (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	Elevado ou Muito Elevado (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	<i>F</i> (2.56)
Pontuação Total de Dificuldades	11 8.27 (3.69)	17 9.71 (5.07)	31 9.74 (7.15)	.26
Manifestação Sintomas Psicopatológicos				
	Sim (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	Não (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)	
Pontuação Total de Dificuldades	24 9.46 (5.03)	35 9.46 (6.68)	.001	
Alteração no Tempo com os Filhos				
	Começou a passar mais tempo (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	Começou a passar menos tempo (<i>n</i>) Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (39)	
Pontuação Total de Dificuldades	29 10.45 (7.28)	12 8.83 (3.81)	.73	

4.4. Diferenças emocionais e comportamentais em crianças e jovens em função das vivências dos filhos relativamente à situação pandémica por COVID-19

No que diz respeito às diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das vivências dos filhos relativamente à situação pandémica por COVID-19, não foram detetadas diferenças significativas nas variáveis relativas às vivências dos filhos: nível de preocupação com a possibilidade do próprio ser infetado, surgimento de sintomatologia psicopatológica, convívio presencial com os progenitores, residência durante o confinamento, desempenho escolar (ver tabela 7).

Tabela 7

Diferenças ao nível emocional e comportamental nos filhos, em função das vivências dos filhos relativas à pandemia por COVID-19

Nível de Preocupação			
	Manifestou preocupação	Não manifestou preocupação	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	35	24	-.53
Dificuldades	9.11 (4.75)	9.96 (7.59)	
Manifestação Sintomas Psicopatológicos			
	Sim	Não	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	20	39	
Dificuldades	18.95 (5.04)	16.79 (5.62)	1.44
Convívio presencial com o progenitor com o qual não reside			
	Foram impedidos	Não foram impedidos	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	19	40	
Dificuldades	9.26 (7.99)	9.55 (4.94)	-.17

Residência Durante o Confinamento					
	Mãe	Pai	Mãe e Pai	Avó Materna	
	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	(<i>n</i>)	
	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	Média (<i>DP</i>)	<i>F</i> (3.54)
Pontuação	40	6	11	1	.71
Total de	8.63 (5.12)	11.83	10.73	10.00 (-)	
Dificuldades		(10.46)	(6.57)		
Desempenho Escolar Durante a Pandemia					
	Foi afetado		Não foi afetado		
	(n)		(n)		
	Média (<i>DP</i>)		Média (<i>DP</i>)		<i>t</i> (57)
Pontuação Total de	25		34		
Dificuldades	10.24 (5.13)		8.88 (6.61)		.85

5. Discussão

O presente estudo, integrado no projeto de investigação *Intervenção no Divórcio-Egokitzen*, teve como objetivo principal analisar dificuldades emocionais e comportamentais em filhos de ex-casais, em função de características sociodemográficas dos pais e dos filhos, bem como das vivências destes, associadas aos desafios da pandemia por COVID-19.

Apesar de a literatura realçar a existência de diferenças emocionais e comportamentais nos filhos em função de características sociodemográficas parentais, como as que foram analisadas neste estudo, os resultados obtidos não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes grupos. Este resultado não está em linha com a literatura uma vez que tem vindo a ser referida a existência de diferenças em função de características sociodemográficas parentais, como por exemplo o estado civil e nível de escolaridade, como podendo ter impacto na adaptação dos filhos ao divórcio e podendo influenciar o surgimento de dificuldades ao nível emocional e comportamental (Alves et al., 2015; Dronkers & Härkönen, 2008; Holley et al., 2006). Contudo, nesta amostra não existiu variabilidade em relação a estas duas variáveis, sendo que a maior parte dos participantes possui ensino superior e encontra-se divorciado. Isto poderá justificar o facto de não terem sido encontradas diferenças.

No que diz respeito às características sociodemográficas dos filhos, nomeadamente em função do sexo e do acompanhamento psicológico dos filhos, foram obtidos resultados estatisticamente significativos quanto ao sexo e ao acompanhamento psicológico. Os filhos do

sexo masculino apresentaram resultados superiores de dificuldades emocionais e comportamentais na Pontuação Total de Dificuldades, sendo que estas diferenças foram significativas na escala de Problemas de Comportamento e na escala de Hiperatividade, em comparação com o sexo feminino. Estes resultados são coerentes com a literatura, que refere que os rapazes apresentam mais problemas de comportamento, como por exemplo, mais sintomas de agressividade e de hiperatividade (Bacro & Macario de Medeiros, 2021; Cummings et al., 1994; Figueiredo, 1998; Massola & Silveiras, 2005; Mosmann et al., 2017; Navarro-Pardo, et al., 2012).

Em relação ao acompanhamento psicológico, as diferenças encontradas indicam que os filhos que em algum momento usufruíram de acompanhamento psicológico ou que ainda estavam a usufruir no momento da recolha de dados, apresentam mais dificuldades emocionais e comportamentais do que os filhos que nunca usufruíram de acompanhamento psicológico. A literatura refere que o divórcio pode ter um impacto negativo no bem-estar psicológico dos filhos, o que pode levar ao surgimento de problemas emocionais e de comportamento (Amato, 2000; Berger, 2003 cit. in Prata, 2018; Martins, 2010). Contudo, não é possível afirmar-se que os problemas emocionais e comportamentais apresentados pelos filhos neste estudo tenham surgido devido ao divórcio/separação dos pais. Mas podemos perceber, pelos resultados apresentados, que os filhos que apresentaram dificuldades significativas, tiveram acompanhamento psicológico em algum momento. Isto é relevante, visto que segundo a literatura é importante que as crianças que apresentam problemas emocionais e/ ou de comportamento tenham intervenção psicológica nesse sentido, para uma adaptação mais ajustada ao divórcio e a todas as mudanças decorrentes do mesmo, bem como para a prevenção da possível ocorrência de sintomatologia psicopatológica mais grave na idade adulta (Amato, 2000; Prata, 2018; Raposo et al., 2011).

Por outro lado, não foram encontradas diferenças significativas em relação a outras características sociodemográficas dos filhos, apesar de serem apresentadas na literatura, como por exemplo a idade e a idade que tinham no momento do divórcio/ separação (Casimiro, 2014; Cummings et al., 1994; Martins, 2005; Marin & Mosmann, s.d.; Mosmann et al., 2017; Ofra, 1993 cit. in Martins, 2010). A literatura refere que são os filhos com idades até aos 7 anos e entre os 11 e os 15 anos que apresentam problemas mais significativos de comportamento. Refere também que quando o divórcio/ separação dos pais ocorre em fases importantes da vida dos filhos, como por exemplo, na entrada para a escola ou na adolescência a adaptação ao divórcio pode ser mais difícil (Mosmann et al., 2017; Ofra, 1993 cit. in Martins, 2010). Contudo, mais uma vez, em relação à idade, neste estudo, a maior parte dos filhos tem entre 11

e 17 anos, o que se traduz numa variabilidade fraca da amostra em relação à faixa etária dos filhos. E, em relação à idade que os filhos tinham no momento do divórcio/ separação dos pais, a maior parte tinha até 6 anos, o que mais uma vez se traduz em pouca variabilidade etária.

Em relação à existência de diferenças emocionais e comportamentais nos filhos em função das vivências dos pais relativamente à situação pandémica por COVID-19, como as que foram analisadas neste estudo, os resultados obtidos neste estudo não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes grupos. Contudo, a literatura refere a existência de diferenças em função de características associadas à situação pandémica, como por exemplo preocupações relacionadas com a saúde dos próprio, dos filhos, de familiares e/ou amigos e o aumento no tempo com os filhos pode constituir-se para alguns pais como uma sobrecarga (Lebow, 2020b; Prime et al., 2020).

Relativamente à existência de diferenças emocionais e comportamentais nos filhos em função das vivências dos filhos relativamente à situação pandémica por COVID-19, como as que foram analisadas neste estudo, os resultados obtidos neste estudo não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes grupos. Porém, a literatura refere a existência de diferenças em função de características associadas à situação pandémica, como por exemplo surgimento de sintomatologia psicopatológica nos pais durante a pandemia e o as limitações no convívio presencial do filho com o progenitor com o qual não reside, durante o período de Estado de Emergência (Brown et al., 2020; Lebow, 2020a).

6. Conclusões

Neste estudo, foi possível verificar que os rapazes apresentam níveis superiores de dificuldades emocionais e comportamentais, quando comparados com as raparigas, especificamente nos problemas de comportamento e de hiperatividade. Para além do referido, foi também possível concluir que os filhos que em algum momento usufruíram de acompanhamento psicológico apresentam níveis superiores de dificuldades emocionais e de comportamento do que os filhos que nunca usufruíram de acompanhamento psicológico, o que significa que os filhos que manifestaram ter dificuldades ao nível emocional e/ ou comportamental tiveram intervenção psicológica. Contudo, não foram revelados resultados estatisticamente significativos no que diz respeito à existência de diferenças entre os filhos que, no momento da recolha de dados, já não tinham esse acompanhamento psicológico e os filhos que ainda tinham.

Relativamente às características da amostra, a configuração familiar de mais de metade da amostra (57.6%) é monoparental, tal como se verifica na população portuguesa, o que

evidencia a relação existente entre a monoparentalidade e o estado civil divorciado (Instituto Nacional de Estatística, 2013). Neste estudo não foi apresentada uma relação entre o divórcio/separação dos participantes e um nível de escolaridade mais baixo, como a literatura refere, visto que nesta amostra mais de metade dos participantes tinham ensino superior. A literatura refere que existe uma influência na transmissão intergeracional do divórcio, contudo nesta amostra isso não foi evidenciado. No que diz respeito às características dos filhos foi possível concluir-se que 73% vivenciou mudanças decorrentes do divórcio/separação dos pais, sendo que isto pode ter potenciado o surgimento de problemas emocionais e de comportamento.

O presente estudo apresenta como limitação a dimensão da amostra, sendo que esta limitou a análise das variáveis mencionadas nos objetivos específicos definidos anteriormente, ou seja, a avaliação da influência que variáveis sociodemográficas parentais, sociodemográficas dos filhos, bem como variáveis relativas aos desafios da pandemia por COVID-19, podem ter nos problemas emocionais e de comportamento apresentados por filhos de ex-casais. Importa referir também que, como mencionado, a caracterização da amostra, no que diz respeito a algumas variáveis analisadas, possui pouca variabilidade o que pode ter influenciado a não existência de diferenças nesses grupos. Posto isto, as conclusões obtidas neste estudo foram limitadas, e por isso não generalizáveis, e a maioria dos resultados obtidos não foi ao encontro do que é referido na literatura. Outra limitação diz respeito à dimensão dos questionários, um número elevado de pessoas não completou o preenchimento dos questionários e isto certamente está relacionado com o facto de estes serem muito extensos.

Este estudo tem como força a abrangência da faixa etária relativa à análise dos problemas emocionais e de comportamento dos filhos, tendo em conta que foram analisados os dados relativos aos filhos entre os 4 e os 17 anos. Sendo que, compreende diferentes fases do desenvolvimento, permitindo uma recolha de dados mais ampla daquilo que podem ser os problemas apresentados nos diferentes momentos do desenvolvimento destas crianças e jovens. Tem também como força o estudo de variáveis relativas aos desafios da situação pandémica por COVID-19 e ao modo como estes podem estar a potenciar os problemas emocionais e de comportamento nos filhos de pais divorciados. Visto que esta é uma problemática atual, sendo relevante a recolha de informações e análise das mesmas para uma melhor compreensão do impacto concreto que pode ter nas famílias e em particular nas famílias que viveram um processo de divórcio/separação.

Como sugestão para investigações futuras, surge a importância de se estudar estas variáveis num amostra maior, onde possa também existir uma variabilidade superior. Bem como, realizar-se um estudo que seja longitudinal para que se possa estudar o impacto do

divórcio nos filhos de forma a entender-se o ajustamento psicológico das crianças e dos jovens, e dos pais com vista a um funcionamento adaptativo pós-divórcio. Outra sugestão prende-se com a importância de se avaliarem as implicações que os desafios descritos na literatura, associados à pandemia por COVID-19 podem ter no seio de famílias que vivenciaram um processo de divórcio/ separação e nas vivências de cada elemento, em particular nos filhos visto que o desenvolvimento dos mesmos é influenciado pelas vivências do sistema familiar, sendo relevante a compreensão da influência que essas vivências podem ter no desenvolvimento dos filhos, de forma a melhorar as intervenções junto das crianças e jovens.

Os resultados deste estudo permitiram identificar algumas implicações para a prática na intervenção junto dos filhos de pais divorciados. Surge assim como relevante um acompanhamento efetivo das famílias que vivenciaram um processo de divórcio/ separação no âmbito da adaptação à nova realidade familiar, bem como na intervenção que é necessária ser efetuada junto dos filhos e junto dos pais para que estejam capacitados para apoiarem os seus filhos neste processo de adaptação, e serem figuras responsivas e prestadoras de suporte efetivo para um desenvolvimento adaptativo dos filhos. Importa referir que é necessário que este apoio seja fornecido indo ao encontro das necessidades de cada fase de desenvolvimento, bem como das necessidades específicas de cada família e de cada criança e jovem. Existem alguns programas de intervenção no divórcio que têm em conta a promoção de uma coparentalidade positiva como por exemplo “PApi – Pais por Inteiro” (Lamela et al., 2009), e a intervenção junto dos filhos como por exemplo o programa “Os filhos do divórcio” (Prata, 2018). Mas nesta fase de pandemia e numa fase posterior de pós-pandemia é relevante que os objetivos destes programas possam ser repensados para abrangerem também desafios apresentados pela pandemia, que em muitas famílias fizeram emergir ou acentuarem-se as dificuldades nas relações familiares e/ou os problemas apresentados pelos filhos.

Referências bibliográficas

- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, T., Cruz, O., Gaspar, M., & Santos, M. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental: Relatório 2007-2010*. [Assessment of parental education interventions: Report]. http://www.cnpqjr.pt/preview_documentos.asp?r=3493&m=PDF
- Alves, A. P., Arpini, D. M., & Cúnico, S. D. (2015). Guarda compartilhada: perspectivas e desafios diante da responsabilidade parental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(3), 916-935. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844505008>
- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of marriage and family*, 62(4), 1269-1287. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.01269.x>
- Amato, P. (2001). Children of divorce in the 1990's: An update of the Amato and Keith (1991) meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 15(3), 355-370. <https://doi.org/10.1377/0893-3200.15.3.355>
- Amato, P. R., & Cheadle, J. (2005). The long reach of divorce: Divorce and child well-being across three generations. *Journal of marriage and family*, 67(1), 191-206. <https://doi.org/10.1111/j.0022-2445.2005.00014.x>
- Amato, P. R., & Rogers, S. J. (1999). Do attitudes toward divorce affect marital quality?. *Journal of family issues*, 20(1), 69-86. <https://doi.org/10.1177/019251399020001004>
- Bacro, F., & Macario de Medeiros, J. (2021). Externalizing behaviors and attachment disorganization in children of different-sex separated parents: The protective role of joint physical custody. *Scandinavian journal of psychology*, 62(1), 74-81. <https://doi.org/10.1111/sjop.12681>
- Brown, S. M., Doom, J. R., Lechuga-Peña, S., Watamura, S. E., & Koppels, T. (2020). Stress and parenting during the global COVID-19 pandemic. *Child abuse & neglect*, 110, 104699. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104699>
- Browne, D. T., Plamondon, A., Prime, H., Puente-Duran, S., & Wade, M. (2015). Cumulative risk and developmental health: an argument for the importance of a family-wide science. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, 6(4), 397-407. <https://doi.org/10.1002/wcs.1349>
- Cacioppo, J. T., & Cacioppo, S. (2014). Social relationships and health: The toxic effects of perceived social isolation. *Social and personality psychology compass*, 8(2), 58-72. <https://doi.org/10.1111/spc3.12087>

- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Simpson, K. S. (1994). Marital conflict, gender, and children's appraisals and coping efficacy as mediators of child adjustment. *Journal of Family Psychology*, 8(2), 141. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.8.2.141>
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of child psychology and psychiatry*, 43(1), 31-63. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00003>
- Dronkers, J., & Härkönen, J. (2008). The intergenerational transmission of divorce in cross-national perspective: Results from the Fertility and Family Surveys. *Population studies*, 62(3), 273-288. <https://doi.org/10.1080/00324720802320475>
- Emery, R. E. (2016). *Two homes, one childhood: A parenting plan to last a lifetime*. Penguin.
- Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (II): Considerações a respeito do impacto desenvolvimental. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 3, 197-216. <http://hdl.handle.net/1822/41713>
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2004). *Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ-Por) [Strengths and Difficulties Questionnaire, Portuguese version]*. <http://www.sdqinfo.org>.
- Glynn, L. M., Davis, E. P., Luby, J. L., Baram, T. Z., & Sandman, C. A. (2021). A predictable home environment may protect child mental health during the COVID-19 pandemic. *Neurobiology of Stress*, 14, 100291. <https://doi.org/10.1016/j.ynstr.2020.100291>
- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the strengths and difficulties questionnaire (SDQ). *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40(11), 1337 - 1345. <https://doi.org/10.1097/00004583-200111000-00015>
- Goodman, R. (1999). The extended version of the Strengths and Difficulties Questionnaire as a guide to child psychiatric caseness and consequent burden. *Journal of child psychology and psychiatry*, 40(5), 791-799. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00494>
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: a research note. *Journal of child psychology and psychiatry*, 38(5), 581-586. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x>
- Hawkley, L. C., & Capitano, J. P. (2015). Perceived social isolation, evolutionary fitness and health outcomes: a lifespan approach. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 370(1669). <https://doi.org/10.1098/rstb.2014.0114>
- Hetherington, E. M. (1993). An overview of the Virginia Longitudinal Study of Divorce and Remarriage with a focus on early adolescence. *Journal of family psychology*, 7(1), 39. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.7.1.39>

- Holley, P., Yabiku, S., & Benin, M. (2006). The relationship between intelligence and divorce. *Journal of Family Issues*, 27(12), 1723-1748. <https://doi.org/10.1177/0192513X06291887>
- Instituto Nacional de Estatística (2013). *Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança*. www.ine.pt
- Juras, M. M., & Costa, L. F. (2011). O divórcio destrutivo na perspectiva de filhos com menos de 12 anos. *Estilos da clínica*, 16(1), 222-245. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v16i1p222-245>
- Jurma, A. M. (2015). Impact of divorce and mother's psychological well-being on children's emotional, behavioral, and social competences. *Revista de Cercetare și Intervenție Socială*, (48), 69-82.
- Lamela, D., Castro, M., Gonçalves, T., & Figueiredo, B. (2009). "PApi-Pais por Inteiro" Programa de intervenção em grupo para o ajustamento pessoal e a promoção da coparentalidade positiva em pais divorciados. *Análise Psicológica*, 27(4), 493-507. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312009000400005
- Lebow, J. L. (2020a). The challenges of COVID-19 for divorcing and post-divorce families. *Family process*, 59(3), 967-973. <https://doi.org/10.1111/famp.12574>
- Lebow J. L. (2020b). Family in the Age of COVID-19. *Family process*, 59(2), 309–312. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>
- Marin, A. H., & Mosmann, C. P. (s.d.). Implicações do divórcio no ajustamento de crianças e adolescentes.
- Martins, A. I. R. (2010). *Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. Factores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações Médico-Legais*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto: Porto.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Marzocchi, G.M., Capron, C., Di Pietro, M., Tauleria, E.D., Duyme, M., Frigerio, A., Gaspar, M.F., Hamilton, H., Pithon, G., Simões, A., Théron, C. (2004). The use of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) in Southern European countries. *European Child & Adolescent Psychiatry* 13, ii40–ii46. <https://doi.org/10.1007/s00787-004-2007-1>
- Massola, G. M., & de Mattos Silves, E. F. (2005). A percepção do distúrbio de comportamento infantil por agentes sociais versus encaminhamento para atendimento

- psicoterapêutico. *Interamerican Journal of Psychology*, 39(1), 139-149.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28439114>
- Masten, A. S., & Narayan, A. J. (2012). Child development in the context of disaster, war, and terrorism: Pathways of risk and resilience. *Annual Review of Psychology*, 63, 227–257.
<https://doi.org/10.1146/annurev-psych-120710-100356>
- Meireles, C. M. (2020). *Crescer em pandemia: implicações do confinamento no ajustamento socioemocional das crianças e jovens*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/129684/2/426680.pdf>.
- Morais, A. P. G. D. (2007). *Variáveis familiares e saúde em crianças de pais divorciados*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/45664>
- Mosmann, C. P., Costa, C. B. D., Einsfeld, P., Silva, A. G. M. D., & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(4), 487-498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.
http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492008000100006
- Navarro-Pardo, E., Moral, J. C. M., Galán, A. S., & Beitia, M. D. S. (2012). Desarrollo infantil y adolescente: trastornos mentales más frecuentes en función de la edad y el género. *Psicothema*, 24(3), 377-383. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72723439006>
- Pilowsky, D. J., Wickramaratne, P., Nomura, Y., & Weissman, M. M. (2006). Family discord, parental depression, and psychopathology in offspring: 20-year follow-up. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 45(4), 452-460.
<https://doi.org/10.1097/01.chi.0000198592.23078.8d>
- PORDATA (2021a). *Número de divórcios por 100 casamentos*.
<https://www.pordata.pt/Portugal/Número+de+divórcios+por+100+casamentos-531>
- PORDATA (2021b). *Agregados domésticos privados monoparentais: total e por sexo*.
<https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- Prata, T. (2018). “Os filhos do divórcio”–Programa de intervenção psicológica junto de filhos de pais separados/divorciados|“The children of divorce”–Psychological intervention program with children of separated/divorced parents. *Revista de Psicologia da Criança*

- e do *Adolescente*, 8(2), 99-113.
<http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/2580>
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *American Psychologist*, 75(5), 631–643.
<https://doi.org/10.1037/amp0000660>
- Raposo, H. S., de Carvalho Figueiredo, B. F., do Vale Lamela, D. J. P., Nunes-Costa, R. A., Castro, M. C., & Prego, J. (2011). Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Archives of Clinical Psychiatry*, 38(1), 29-33.
- Robson, D. (2020). *How Covid-19 is changing the world's children*. BBC. Disponível em:
<https://www.bbc.com/future/article/20200603-how-covid-19-is-changing-the-worlds-children>
- Sani, A. I. (2007). As crenças das crianças sobre a violência e as percepções sobre os conflitos interparentais. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. Porto. ISSN 1646-0502. 4 (2007) 198-208. <http://hdl.handle.net/10284/446>
- Sarmiento, M. J., Trevisan, G., Granjeira, H., Sousa, M., Oliveira, I. G., Pinto, A. P., Sampaio, A., Figueiredo, B., Bento, G., Carvalho, M., Freire, T., Matos, M., & Soares, I. (2020). Intervenção local com crianças e famílias face à pandemia COVID-19: ProChild CoLAB em Guimarães. In Martins, M., Rodrigues, E., A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo II: (Re)Ações. UMinho Editora.
<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.24.4>
- Schroeder, J. F., Hood, M. M., & Hughes, H. M. (2010). Inter-parent agreement on the syndrome scales of the Child Behavior Checklist (CBCL): Correspondence and discrepancies. *Journal of Child and Family Studies*, 19(5), 646-653.
<https://doi.org/10.1007/s10826-010-9352-0>
- Severino, R., Ribeiro, M. T., & Francisco, R. (2014). A mediação familiar no âmbito do divórcio e das responsabilidades parentais.
- Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting: Science and Practice*, 10(4), 286-307.
<https://doi.org/10.1080/15295192.2010.492040>
- Van Lancker, W., Parolin, Z (2020). Covid-19, school closures, and child poverty: a social crisis in the making. *Lancet Public Health*, 5, 243–4. [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(20\)30084-0](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(20)30084-0)
- Vieira, L., Neumann, A. P., & Zordan, E. P. (2019). O divórcio e o recasamento dos pais na percepção dos filhos adolescentes. *Pensando famílias*, 23(1), 121-136.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100010&lng=pt&tlng=pt.

- Wagner A., Diamond R. (2016) Divorce in Couple and Family Therapy. In: Lebow J., Chambers A., Breunlin D. (eds) *Encyclopedia of Couple and Family Therapy*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-15877-8_448-1
- Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395(10228), 945-947. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)
- Woodward, L., Fergusson, D. M., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and Family*, 62(1), 162-174. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00162.x>
- Youth In Mind (2012). *What is the SDQ?*. <https://sdqinfo.org/a0.html>

ANEXOS

Anexo 1- Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido

Este estudo está inscrito num projeto internacional de investigação/intervenção no Divórcio (*Egokitzen*), desenvolvido pela *Universidad de Deusto* e está neste momento a ser trabalhado pela *Universidad de Comillas* e pela Universidade Católica Portuguesa. O objetivo deste programa é o de fornecer aos pais, em processo de separação ou divórcio, competências e estratégias necessárias para reduzir o nível de *stress* causado pelo processo de mudança que a família está a atravessar. Para que tal ocorra, torna-se necessário conhecer a experiência de pais divorciados/separados no exercício da sua parentalidade.

Vimos, deste modo, solicitar a sua disponibilidade para a realização deste questionário a todos os interessados que reúnam os seguintes critérios de inclusão: (a) ser progenitor(a) que tenha experienciado um processo de divórcio/separação em algum momento da sua vida; (b) possuir filho(s) em comum dessa relação; (c) os(s) filho(s) têm de se encontrar, no momento atual, na faixa etária entre os 4 e os 17 anos.

Toda a informação que será recolhida durante a investigação é **confidencial e anónima**, só terão acesso os investigadores deste estudo. Desta forma, serão atribuídos códigos a cada questionário para omitir dados de identificação dos participantes.

Não existem respostas certas ou erradas. Pedimos que leia cada questão com atenção e cuidado. O conjunto de questionário que se segue contemplam as seguintes secções: (1) Sociodemográfico, para a recolha de dados sobre si, sobre o(a) seu/sua filho(a), e sobre a sua relação anterior; (2) COVID-19, no sentido de recolher as suas experiências e as do(a) seu/sua filho(a) face à atual situação pandémica ; (3) Instrumento EMBU – Memórias de Infância , que procura medir a frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas na parentalidade e, por fim (4) SDQ, um questionário que avalia as capacidades e dificuldades dos filhos. Posto isto, pedimos que leia cada questão com atenção e cuidado. De seguida, responda imediatamente assinalando a opção que melhor corresponde à sua opinião.

Não hesite em solicitar mais informações caso considere necessário.

Deste modo, se estiver de acordo com a proposta que lhe é feita, então clique em “Li e concordo”.

Tempo estimado de resposta: 25 minutos.

Declaro ter compreendido os objetivos deste questionário, ter-me sido dada a decisão de preenchimento do questionário, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas

sobre o assunto e para todas elas ter obtido respostas esclarecedoras, ter-me sido garantido que não haverá prejuízo para os meus direitos assistenciais se eu recusar esta solicitação, e ter-me sido dado tempo suficiente para refletir sobre esta proposta.

Autorizo que este questionário seja utilizado para o ato indicado, bem como os procedimentos diretamente relacionados que sejam necessários no meu próprio interesse.

Li e concordo

Não concordo, não desejo participar

Caso queira ser contactado(a) para continuar a colaborar neste projeto, pedimos que deixe o seu e-mail.

E-mail: _____

Contacto:

Em caso de esclarecimentos adicionais enviar para: projetoegokitzenucp@outlook.pt

Investigadoras:

Prof. Doutora Alexandra Carneiro, Professora Auxiliar da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa e investigadora integrada do Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa

Prof. Doutora Vânia Sousa Lima, Professora Auxiliar da Faculdade de Educação e Psicologia da Católica Portuguesa e investigadora integrada do Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa

Ana Beatriz Sousa, Estudante do 2º ano do Mestrado em Psicologia com Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa- Centro Regional do Porto

Bárbara Monteiro, Estudante do 2º ano do Mestrado em Psicologia com Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa- Centro Regional do Porto

Anexo 2- Questionário Sociodemográfico dos Pais

Questionário Sociodemográfico- Pais

As questões que se seguem são referentes a informações sociodemográficas sobre si próprio(a). Pedimos que, conforme se aplique, responda às seguintes perguntas e selecione a(s) resposta(s) que se adequa(m).

Idade: [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#) **Sexo:** Feminino Masculino

Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Divorciado(a) União de facto Outro : [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#)

Configuração familiar: Adotiva Monoparental Heteroparental Homoparental Outro : [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#)

Nível de escolaridade: < 4º ano de escolaridade 5º ano até 7º ano 8º ano ou 9º ano Ensino secundário Licenciatura

Mestrado Doutoramento Outro : [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#)

Situação Profissional: Empregado(a) Desempregado(a) Estudante Trabalhador(a)-Estudante

Caso esteja empregado(a): Full-time Part-time **Qual é a sua profissão?** [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#)

Índice de *Graffar*- Para cada questão selecione a opção que corresponde à sua situação em particular.

Graus	Profissão	Nível de instrução	Fonte do rendimento familiar	Conforto do alojamento	Local de residência
1	<ul style="list-style-type: none"> • Grandes empresários • Gestores de topo do sector público e privado (> de 500 empregados); • Profissionais com títulos universitários; • Militares de alta patente; • Altos dirigentes políticos; • Profissões liberais (curso superior) • Diretores de empresa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino universitário ou equivalente - Licenciatura - Mestrado - Doutoramento 	<ul style="list-style-type: none"> • Fortuna herdada ou adquirida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Casa ou andar luxuoso, espaçoso, oferecendo aos seus moradores o máximo de conforto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Zona residencial elegante, onde o valor do terreno ou os alugueres são elevados.
2	<ul style="list-style-type: none"> • Médios empresários; • Dirigentes de empresas (\leq de 500 empregados); • Agricultores e proprietários; • Dirigentes intermédios e quadros técnicos do sector público ou privado; • Oficiais das forças armadas; • Professores do ensino básico e secundário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bacharelato. 	<ul style="list-style-type: none"> • Altos vencimentos ou honorários (\geq 10 vezes o salário mínimo nacional) • Lugares bem remunerados • Lucros da empresa 	<ul style="list-style-type: none"> • Casa ou andar que sem ser tão luxuoso é espaçoso e confortável. 	<ul style="list-style-type: none"> • Zona residencial boa, de ruas largas com casa confortáveis e bem conservadas.
3	<ul style="list-style-type: none"> • Pequenos empresários (\leq de 50 empregados); • Empregados e operários qualificados; • Quadros médios; • Motorista; • Policias; • Operários especializados; • Médios agricultores; • Sargentos e equiparados. 	<ul style="list-style-type: none"> • 12º ano; • Nove ou mais anos de escolaridade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vencimento mensal fixo. • Vencimento semanal, por horas ou a tarefa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Casa ou andar modesto, bem construído e em bom estado de conservação, bem iluminado, arejado, com cozinha e W.C. 	<ul style="list-style-type: none"> • Zona antiga • Ruas comerciais ou estreitas e antigas, com casas de aspecto em geral menos confortável.

4	<ul style="list-style-type: none"> • Operários especializados com ensino primário completo; • Operários semi-qualificados; • Técnicos administrativos; • Funcionários públicos e membros das forças armadas ou militarizadas; • Pequenos agricultores e rendeiros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escolaridade \geq 4 anos e $<$ 9 anos • Analfabetos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vencimentos incertos • Remunerações \leq ao salário mínimo nacional • Pensionistas ou reformados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Com cozinha e W.C., mas: <ul style="list-style-type: none"> - Degradado e/ou - Sem electrodomésticos essenciais. • Alojamento impróprio para uma vida decente, desprovidos de conforto 	<ul style="list-style-type: none"> • Bairro operário/social, populoso, mal arejado ou bairro em que o valor do terreno está diminuído como consequência da proximidade de oficinas, fábricas, estações de caminhos de ferro, etc.
---	---	--	--	--	--

Acompanhamento psicológico:

Alguma vez usufruiu/ usufrui de acompanhamento psicológico individual? Sim Não

Caso responda sim (responder aos próximos itens, se não avançar para o item 8): 7.2.1. Ainda usufrui, no momento presente, desse acompanhamento? Sim Não

Usfruiu/ usufrui desse acompanhamento psicológico durante quanto tempo? [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#)

Que razões o levaram a solicitar esse acompanhamento? [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#)

É filho(a) de pais divorciados/separados? Sim Não

Agregado Familiar (selecione todas as que se adequem ao seu agregado familiar):

Sozinho(a) Companheiro(a) Com filho(s) da atual relação Com filho(s) da ex-relação Mãe e/ou pai

Outro(s) membros da família : [Clique ou toque aqui para introduzir texto.](#)

Agregado Familiar (selecione todas as que se adequem ao agregado familiar do(a) seu/sua ex-companheiro(a):

Sozinho(a) Companheiro(a) Com filho(s) da atual relação Com filho(s) da ex-relação Mãe e/ou pai

Outro(s) membros da família : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Anexo 3- Questionário Sociodemográfico dos Filhos

Questionário Sociodemográfico- Filhos

As questões que se seguem são referentes a informações sobre o/a seu/sua filho(a). Caso exista mais do que um(a) filho(a) da sua ex-relação com idade compreendida entre os 4 anos e os 17 anos deve escolher apenas um e responder às questões focando-se apenas nesse filho(a). Pedimos que, conforme se aplique, responda às seguintes perguntas e selecione a(s) resposta(s) que se adequa(m).

Sexo: Feminino Masculino

Idade: Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Tem outro(a)s filho(a)s? Sim Não

Se sim, indique a(s) idade(s) do(a)s outro(a)s filho(a)s: Clique ou toque aqui para introduzir texto.

O/A seu/sua filho(a) é adotado(a)? Sim Não

Se sim, indique quantos anos tinha o/a seu/sua filho(a) no momento da adoção: Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Ano de escolaridade: Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Rendimento escolar: O/A seu/sua filho(a) já ficou retido(a) em algum ano de escolaridade? Sim Não

Se sim, indique em qual/quais? Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Agregado Familiar- Quando reside consigo (selecione todas as que se adequam ao agregado familiar do(a) seu/sua filho(a)):

Mãe Pai Madrasta Padrasto Com irmão(s) da ex-relação Com irmão(s) da atual relação Outro(s) : Clique ou

toque aqui para introduzir texto.

Agregado Familiar- Quando reside com o/a seu/sua ex-companheiro(a) (selecione todas as que se adequam ao agregado familiar do(a) seu/sua filho(a)):

Mãe Pai Madrasta Padrasto Com irmão(s) da ex-relação Com irmão(s) da atual relação Outro(s) : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Frequência de contacto com os progenitores:

Com que frequência o/a seu/sua filho(a) está consigo? Diariamente Semanalmente Quinzenalmente Mensalmente

Nunca Outro(s) : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Com que frequência o/a seu/sua filho(a) está com o/a seu/sua ex-companheiro(a)? Diariamente Semanalmente Quinzenalmente

Mensalmente Nunca Outro(s) : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Indique para cada dia da semana o(s) período(s) do dia (manhã, tarde e/ou noite) em que o/a seu/sua filho(a) está consigo e com o/a seu/sua ex-companheiro(a):

Quando o/a seu/sua filho(a) está consigo:

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							
Caso se aplique o dia todo (colocar X)							

Quando o/a seu/sua filho(a) está com o/a seu/sua ex-companheiro(a):

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							
Caso se aplique o dia todo (colocar X)							

Qual era a idade que o/a seu/sua filho(a) tinha quando o divórcio/separação ocorreu? Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Mudanças após o divórcio/separação (selecione todas as que se adequam): Mudança de residência Mudança de cidade

Mudança de país Mudança de escola Outra(s) : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Acompanhamento psicológico

O/A seu/sua filho(a) usufrui/ já usufruiu de acompanhamento psicológico? Sim Não

Caso responda sim:

Ainda usufrui, no momento presente, desse acompanhamento? Sim Não

Usufruiu/ usufrui desse acompanhamento psicológico durante quanto tempo? Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Que razões o levaram a solicitar esse acompanhamento? Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Anexo 4- Questionário COVID-19 Pais

COVID-19- Pais

As questões que se seguem são referentes a informações da sua vivência relativamente à situação pandémica da COVID-19. Pedimos que, conforme se aplique, responda às seguintes perguntas e todas as respostas que se adequem.

Tem acompanhado as atualizações das informações referentes à COVID-19?

Não	Pouco Frequentemente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito Frequentemente

Já esteve ou está infetado(a) com COVID-19?

Sim Não Não sei

Alguma pessoa significativa da sua vida (família, amigos e/ou colegas de trabalho/estudo) esteve ou está infetado(a) com COVID-19?

Sim Não Não sei

Alguma pessoa significativa da sua vida (família, amigos e/ou colegas de trabalho/estudo) faleceu devido ao COVID-19?

Sim Não

No seu dia-a-dia, qual é o seu nível de preocupação com a possibilidade de ser infectado por COVID-19?

Nulo	Reduzido	Moderado	Elevado	Muito Elevado

Caso manifeste algum nível de preocupação face à COVID-19, qual a influência que exerce na realização das suas atividades diárias?

Nulo	Reduzido	Moderado	Elevado	Muito Elevado

Existiram alterações nas suas dinâmicas decorrentes da situação de COVID-19?

Sim Não

Caso responda sim:

Alterações (Selecione todas as que se aplicam):

Sociais/ Relações com os outros Familiares Económicas Laborais/ Profissionais Atividades de lazer Outra(s) : Clique ou

toque aqui para introduzir texto.

Desde que começou a pandemia, começou a manifestar sintomas psicológicos (por exemplo, tristeza)? Sim Não

Se sim, indique qual/quais: Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Está a trabalhar, a partir de casa, em resultado da pandemia de COVID-19?

- Não, estive em regime de teletrabalho, mas já regresssei ao meu local de trabalho.
- Não, o meu trabalho não pode ser feito a partir de casa, tendo me mantido sempre a trabalhar.
- Não, estou integrado(a) em regime de *lay-off*.
- Sim, mantenho-me em regime de teletrabalho até hoje.
- Fui despedido(a).

O/A seu/sua ex-companheiro(a) está a trabalhar, a partir de casa, em resultado da pandemia de COVID-19?

- Não, estive em regime de teletrabalho, mas já regressou ao seu local de trabalho.
- Não, o seu trabalho não pode ser feito a partir de casa, tendo se mantido sempre a trabalhar.
- Não, está integrado(a) em regime de *lay-off*.
- Sim, mantém-se em regime de teletrabalho até hoje.
- Foi despedido(a).

O tempo que passava com o/a seu/sua filho(a) alterou-se devido da pandemia?

Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Totalmente

Indique se começou a passar mais ou menos tempo com o/a seu/sua filho(a):

- Mais

Menos

Quanto tempo se alterou (em horas, aproximadamente): Clique ou toque aqui para introduzir texto.

De que modo partilhou as responsabilidades das tarefas parentais com o/a seu/sua ex-companheiro(a)?

Totalmente eu

Maioritariamente eu

Aproximadamente 50% eu e 50% o/a meu/minha ex-companheiro(a)

A maioria o/a meu/minha ex-companheiro(a)

Totalmente o/a meu/minha ex-companheiro(a)

Anexo 5- Questionário COVID-19 Filhos

COVID-19 Filhos

As questões que se seguem são referentes a informações da vivência do(a) seu/sua filho(a) relativamente à situação pandémica da COVID-19.

Pedimos que, conforme se aplique, responda às seguintes perguntas e selecione todas as respostas que se adequem.

O/A seu/sua filho(a) já esteve/está infetado(a) com COVID-19?

Sim Não Não sei

Alguma pessoa significativa da vida do(a) seu/sua filho(a) (família, amigos) esteve ou está infetado(a) com COVID-19?

Sim Não Não sei

Alguma pessoa significativa da vida do(a) seu/sua filho(a) (família, amigos) faleceu devido ao COVID-19?

Sim Não Não sei

No seu dia-a-dia, qual é o seu nível de preocupação com a possibilidade do(a) seu/sua filho(a) ser infetado(a) por COVID-19?

Nulo	Reduzido	Moderado	Elevado	Muito Elevado

Caso manifeste algum nível de preocupação face à COVID-19, qual a influência que pode ter no(a) seu/sua filho(a)?

Nulo	Reduzido	Moderado	Elevado	Muito Elevado

O/A seu/sua filho(a), nas rotinas diárias, manifesta preocupação com a possibilidade de ficar infetado(a) por COVID-19?

Sim Não

Caso responda sim:

No seu dia-a-dia, qual é o nível de preocupação que o/a seu/sua filho(a) manifesta?

Nulo	Reduzido	Moderado	Elevado	Muito Elevado

Em que rotinas/ momentos do dia-a-dia o/a seu/sua filho(a) manifesta preocupação? (Selecione todas as que se aplicam):

Ir para a escola Estar com familiares Estar com amigos Atividades extracurriculares Frequentar espaços fechados (por exemplo: centros comerciais; supermercados; restaurantes) Utilização de transportes públicos Realizar viagens para outras cidades

Outro(s): : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Com quem ficou a residir o/a seu/sua filho(a) durante o período de confinamento? Mãe Pai Outro(s): : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

As medidas decretadas no quadro do Estado de Emergência, foram/ são um impedimento para o convívio presencial entre o/a seu/sua filho(a) e o progenitor com o qual não reside? Sim Não

O/A seu/sua filho(a), desde que começou a pandemia, manifestou sintomas psicológicos (por exemplo, ansiedade)? Sim Não

Se sim, indique qual/quais: : Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Considera que o desempenho escolar do(a) seu/sua filho(a) foi afetado pela pandemia? Sim Não

Anexo 6- SDQ P4-17

SDQ P 4-17

(Versão Portuguesa de B. Fleitlich, M. J. Loureiro, A. Fonseca, F. Gaspar da Versão Original de © R. Goodman, 2005)

Encontra a seguir 25 frases. Para cada uma delas selecione um dos seguintes: Não é verdade; É um pouco verdade; É muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no comportamento do(a) seu/sua filho(a) nos últimos seis meses.

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
É sensível aos sentimentos dos outros.			
É irrequieto/a, muito mexido/a, nunca para quieto/a.			
Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos.			
Partilha facilmente com as outras crianças (guloseimas, brinquedos, lápis, etc.).			
Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras.			
Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho/a.			
Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam.			
Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado/a.			
Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.			
Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos.			
Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga.			
Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as.			
Anda muitas vezes triste, desanimado/a ou choroso/a.			
Em geral as outras crianças gostam dele/a.			

Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar.			
Em situações novas é receoso/a, muito agarrado/a e pouco seguro/a.			
É simpático/a e amável com crianças mais pequenas.			
Mente frequentemente ou engana.			
As outras crianças metem-se com ele/a, ameaçam-no/a ou intimidam-no/a.			
Sempre pronto/a a ajudar os outros (pais, professores ou outras crianças).			
Pensa nas coisas antes de as fazer.			
Rouba em casa, na escola ou em outros sítios.			
Rouba em casa, na escola ou em outros sítios.			
Tem muitos medos, assusta-se com facilidade.			
Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção.			

Tem algum outro comentário ou preocupação? Descreva.

Clique ou toque aqui para introduzir texto.

Em geral, parece-lhe que o seu filho / a sua filha tem dificuldades em alguma das seguintes áreas: emoções, concentração, comportamento ou em dar-se com outras pessoas?

- Sim- dificuldades pequenas
- Sim- dificuldades grandes
- Sim- dificuldades muito grandes

Se respondeu "Sim", por favor responda às seguintes questões sobre essas dificuldades:

Há quanto tempo existem essas dificuldades?

- 1 – 5 meses
- 6 – 12 meses
- Mais de 1 ano

Essas dificuldades incomodam ou fazem sofrer o seu filho / a sua filha?

- Nada

- Pouco
- Muito
- MUITÍSSIMO

Essas dificuldades perturbam o dia-a-dia do seu filho / da sua filha nas seguintes áreas?

Em casa:

- Nada
- Pouco
- Muito
- MUITÍSSIMO

Com os amigos:

- Nada
- Pouco
- Muito
- MUITÍSSIMO

Na aprendizagem na escola:

- Nada
- Pouco
- Muito
- MUITÍSSIMO

Nas brincadeiras/ tempos livres:

- Nada
- Pouco
- Muito
- MUITÍSSIMO

Essas dificuldades são uma sobrecarga para si ou para a família?

- Nada
- Pouco
- Muito
- MUITÍSSIMO